

JULLIAN RISSARDI DA ROCHA.

UMA BREVE ANÁLISE HISTÓRICA DA RELAÇÃO SOCIEDADE E
NATUREZA NA CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL

Trabalho de conclusão de curso, para Especialização em Análise ambiental, do Departamento de Geografia, da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Mendonça

CURITIBA

2012



PARECER

O artigo intitulado “UMA BREVE ANÁLISE HISTÓRICA DA RELAÇÃO SOCIEDADE E NATRUREZA NO OCIDENTE”, de autoria de JULLIAN RISSARDI DA ROCHA, discente do curso de Especialização em Análise Ambiental, o qual é ofertado pelo Departamento de Geografia da Universidade Federal do Paraná, sob orientação do Professor Francisco de Assis Mendonça, foi submetido apreciação no corrente ano.

Após recomendações para realização de modificações, as quais foram integralmente implementadas pelo autor do documento, o artigo foi **APROVADO**.

Curitiba, 4 de agosto de 2013

Prof. Dr. Nilson Cesar Fraga

UMA BREVE ANÁLISE HISTÓRICA DA RELAÇÃO SOCIEDADE E NATUREZA NO OCIDENTE.

Jullian Rissardi da Rocha¹

Orientador: Francisco Mendonça²

RESUMO

Este artigo tem a finalidade de traçar um panorama da relação Sociedade e Natureza ao longo da História no Ocidente. Analisando diversos teóricos, viaja-se pelo mundo das Civilizações Clássicas até a Pós-Modernidade, procurando entender como se estabeleceu a relação do homem com o mundo que o cercava. Um dos pontos em questão em neste artigo é como que a mitologia grega o pensamento racional grego e o surgimento do cristianismo, interferiram na relação destas sociedades, Gregas, Romanos, Europa Feudal e Moderna, no que diz respeito sociedade e natureza e subsequente quais os reflexos disso na Pós-Modernidade.

Palavras chaves: Sociedade/Natureza, História e Meio Ambiente, Religião, Ciência.

ABSTRACT

This article aims to give an overview of the relationship Society and Nature throughout history in the West. Analyzing various theorists travels through the world of Classical Civilizations to Post modernity, seeking to understand ourselves as man's relationship with the world around him. One of the points at issue in this article is how the Greek mythology Greek rational thought and the emergence of Christianity, interfered in the relationship of these societies, Greek, Roman, Feudal and Modern Europe, regarding nature and society and which subsequent reflections that in Post modernity.

Keywords: Society / Nature, History and Environment, Religion, Science

¹ Aluno da Especialização em Análise Ambiental, Departamento de Pós-Graduação em Geografia da UFPR. Graduado em História pela Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras de Paranaguá.

² É Professor Titular do Departamento de Geografia da UFPR; e Pós-doutorado em Epistemologia da Geografia Université Sorbonne, na França e 2005 e em Geografia, Doutor em Clima e planejamento urbano na USP em 1995; Mestre em Geografia Física e Meio ambiente na USP em 1990 sendo graduado na UFG em 1983.

1. INTRODUÇÃO

A relação sociedade e natureza ao longo da história pode ser resumida em uma palavra, dominação.

O homem buscou controlar o “Mundo Natural” de inúmeras formas, desde seus primórdios, quando inicia as práticas agrícolas e seus cultos religiosos. O culto a divindades ligadas a natureza, tinha por finalidade justificar os eventos naturais, ao mesmo tempo em que fazia com que os indivíduos praticantes de tais religiões, cressem que possuíam algum domínio sobre está.

Tais crenças e justificativas dadas pela religião, principalmente as Judaico-Cristãs, levaram o Homem a extinguir diversas formas de vida em nosso planeta, com a ideia de que, os seres humanos eram superiores as demais espécies, pois “somos a imagem e semelhança do criador”.

Veremos aqui que, ao longo da história o homem conviveu em harmonia com a natureza, mas isso mudou, durante o Período Medieval na Europa. O equilíbrio existente entre as sociedades e a natureza foi quebrado colocando a própria existência do homem em risco.

Partindo da perspectiva da longa³ duração ao analisar diversos autores, este trabalho teve o intuito de traçar uma breve trajetória histórica buscando compreender melhor o paradigma social e ambientais da Pós-moderna, como chegamos a ele e qual foi a contribuição da religião cristã para a crise ecológica, entre outros pontos.

No primeiro capítulo, intitulado a Relação sociedade e Natureza nas Comunidades Arcaicas, utilizaram-se leituras de Clive Ponting, se fez uma breve análise de como estas sociedades se relacionaram com seu meio, o papel da religião na relação sociedade e natureza, e as mudanças mais significativas ocorridas neste período.

Em um segundo momento no capítulo, A Gênese da Civilização Ocidental a Relação Sociedade Natureza (Grécia e Roma), analisou-se a contribuição das civilizações clássicas para o mundo moderno, no qual se fez uma análise da mitologia e do surgimento do pensamento racional, por último

³ Conceito histórico criado pelo geógrafo e historiador francês Fernand Braudel, caracteriza as pequenas mudanças ocorridas dentro de uma sociedade ao longo da história, uma história quase imóvel, lenta.

quando adentramos em Roma é feita uma breve análise do surgimento do Cristianismo.

No terceiro capítulo O Cristianismo e a Relação Sociedade e Natureza no Ocidente (Feudalismo e Modernidade), trabalham-se contribuições do cristianismo para a construção da cultura ocidental no que diz respeito à relação entre o homem e o mundo natural. Tendo como ponto central a construção da moral cristã na relação sociedade natureza, questão essa levantada por Lynn White Junior nos anos 60, onde este culpa o cristianismo, único exclusivamente culpado pela destruição do meio ambiente. Ao analisando leituras de Keith Thomas, elenca-se pontos em qual a religião contribuiu para tal.

O quarto e último capítulo intitulado A Pós Modernidade através das Leituras de Capra, dentro de um olhar sistêmico, analisa-se a sociedade contemporânea e os problemas enfrentados por ela no que diz respeito ao meio ambiente.

Este trabalho tem por fim trazer ao leitor a reflexão e mostrar que a relação sociedade natureza da Pós-Modernidade é um conjunto de fatos históricos, que se procurou mostrar ao longo do trabalho, sendo de suma importância o seu conhecimento, para compreensão do todo.

1. A RELAÇÃO SOCIEDADE E NATUREZA NAS COMUNIDADES ARCAICAS.

Estima-se que a humanidade possua uma datação de dois milhões de anos, desde os primeiros homínídeos. E que no passado se organizou em pequenos grupos, ocupando várias regiões do globo, levando milhares de anos para sair desta condição reduzida, chegando aos dias de hoje a marca de bilhões.

Clive Ponting elenca alguns destes grupos, destacando os boiximanes, pigmeus e os Hadza na África, os aborígenes na Austrália e grupos autóctones da América do sul e Polinésia. Pode-se perceber que, até os dias de hoje, estes grupos buscavam um equilíbrio com o meio onde estão inseridos, sobrevivendo da caça, da coleta e da agricultura.

Durante a maior parte de nossa existência vivemos em equilíbrio com o mundo natural. Nossas atividades agrediam muito pouco o ambiente, pois éramos em número reduzido se comparado a hoje. Segundo estudos já realizados, estes pequenos agrupamentos humanos possuíam uma média de 15 indivíduos, que caçavam e coletavam somente o necessário para sua subsistência.

Com exceção dos últimos dois milênios de seus dois milhões de anos de existência, os seres humanos obtiveram sua subsistência através de uma combinação de fatores, tais como o acúmulo de gêneros alimentícios e a caça de animais. Em quase todos os casos, as pessoas viviam em grupos pequenos e nômades. Sem a menor dúvida, esse foi o meio de vida mais flexível e bem-sucedido já adotado pelos seres humanos, o que menos males causou aos ecossistemas naturais. (PONTING. 1995, Pag. 45).

Através da arqueologia pode-se constatar que no passado éramos poucos milhões, chegando à marca de 200 milhões no ano 200. Esta baixa densidade demográfica, juntamente com uma organização social mais “simples”, baseada na coleta, caça e agricultura e uma tecnologia limitada, fez com que o homem estabelecesse uma relação mais estreita com a natureza, onde os danos ambientais eram mínimos.

Estes agrupamentos humanos não extraíam da natureza nada além do que pudessem consumir de imediato, já que eram nômades e qualquer carga extra atrapalharia o seu deslocamento. Segundo Ponting o deslocamento sazonal favoreceu para proteção do meio ambiente, pois suas práticas de subsistência respeitam a capacidade que a natureza tem de renovação.

Os seres humanos tornaram-se os únicos animais a dominar e explorar todos os ecossistemas terrestres. Mas, mesmo nesse estágio, o impacto sobre o ambiente, provocado pelos grupos de colhedores e caçadores, foi pequeno, porque a disseminação da população foi lenta e sua tecnologia ainda limitada. Mesmo assim já faziam com que sua presença fosse sentida, pelo número de animais caçados até a extinção e modificação sutil do meio ambiente. (PONTING. 1995, Pag. 74)

Por milhares de anos, nós seres Humanos passamos pela superfície terrestre, sem causar grandes desequilíbrios, em harmonia com o meio natural.

Segundo Ponting o crescimento populacional ao causar uma pressão sobre o meio gerou um desequilíbrio. O adensamento demográfico gerou maior consumo de recursos retirados da natureza que a longo prazo levaria a sua exaustão.

Mas no que consistiam as atividades de coleta e caça neste período da história? Pode-se ver através de estudos arqueológicos e antropológicos que no passado, da mesma forma que em algumas comunidades do presente, como exemplo, os boximanes na África, tinham uma gama enorme de recursos vegetais e animais disponíveis, do qual, uma pequena parcela era explorada.

Tendo um total conhecimento dos ambientes habitados, os seres humanos administraram seus recursos de modo a não extingui-los na medida do possível. Restrições totêmicas⁴ ajudaram na preservação de muitos animais e plantas, no qual, havia um respeito pela natureza, restrições proibiam a caça de algumas espécies de plantas ou animais⁵, que eram considerados sagrados. Outro fator que coibia a caça era o próprio fato de esta atividade ser muito arriscada.

“caça é uma atividade difícil e arriscada, com poucas recompensas periódicas, na melhor das hipóteses. Estudos sobre os principais carnívoros e ecossistemas (cujo o papel o homem está tentando adotar quando caça) demonstram que eles só conseguem matar uma vez em dez tentativas. Os seres humanos, mesmo quando têm alguma ajuda da tecnologia, estão muito menos adaptados a essa função do que os leões ou os tigres e têm possibilidades ainda menores de conseguir,” (PONTING. 1995, Pag. 51).

Observa-se que caça, desde que, realizada para subsistência não causa grandes impactos a fauna. Além das dificuldades implícitas a esta atividade, “restrições totêmicas sobre a caça de determinadas espécies durante certos períodos do ano,..., teria ajudado a manter o nível existente dos animais caçados”. (PONTING. 1995, Pag. 68). Pode-se evidenciar neste período, um papel religioso positivo, no que diz respeito a sua influência na construção da relação sociedade e natureza,

⁴ O homem primitivo via a natureza como sinônimo de Deus, a exemplo de muitos povos primitivos de hoje, portanto ela devia ser temida, respeitada e aplacada. (DREW, 2010 pg. 2)

⁵ Na atualidade temos alguns exemplos de restrições pela religião de animais considerados sagrados ou de apenas haver a proibição do seu consumo. O Hinduísmo, cultua a Vaca e o judaísmo proíbe o consumo de carne de porco.

buscando equilibrar as atividades antrópicas com disponibilidade de recursos no ambiente.

Mas com o passar do tempo o crescimento populacional exigiu novos meios para obtenção de recursos importantes para a sobrevivência do grupo, o nomadismo que no passado fez com que a humanidade se espalhasse da África ao oriente próximo⁶, e dela para todo o globo aos poucos vai desaparecendo, ou melhor, diminuindo, pois, a agricultura não foi incorporada de forma homogênea pelas sociedades humanas, mas possibilitou que muitas fossem capazes de colonizar diversas regiões da Terra, criando sociedades mais complexas, onde seria impossível para estas retornar ao estado “natural” novamente.

Surgem sociedades estratificadas, tendo como base a agricultura, que revoluciona a relação do homem com o seu meio, proporcionando uma florescência cultural, mas que seria paga a altos custos pela natureza. “A agricultura introduziu a ideia de posse do alimento”, (PONTING. 1995, Pag. 101) algo que não existia nas comunidades de coletores e caçadores. Esta nova atividade possibilitava agora haver um excedente de alimentos, que não seria mais um estorvo, já que com a atividade agrícola estes grupos puderam se estabelecer, abandonando o nomadismo, fazendo com que, surgissem especializações dentro do corpo social.

A adoção da agricultura foi à mudança mais fundamental da história humana. Não só produziu pela primeira vez as sociedades estabelecidas, como também mudou radicalmente a própria sociedade. Os grupos de caça e de colheita eram essencialmente igualitários, mas as comunidades sedentárias, quase que desde o início, resultaram em uma especialização crescente dentro da sociedade e o surgimento de elites religiosas, políticas e militares e um estado com poder de dirigir a sociedade. (PONTING. 1995, Pag. 101)

Por volta de 10.000 anos o homem desenvolveu a agricultura e por volta de 6.000 a 5.000 anos foram erguidas na Mesopotâmia as primeiras cidades. A combinação destes dois fatores possibilitou a concentração de uma grande massa de

⁶Oriente médio, segundo LE GOFF, 2010.

peessoas. Estima-se que uma das maiores cidades neste período fosse Uruk⁷ “(que possuía uma população residente de aproximadamente 50.000 habitantes)”. (PONTING. 1995, Pag. 111)

As cidades, como sabido na atualidade, geram vários impactos ao Meio Ambiente, mas neste período devido ao pequeno número de ocupações urbanas, estes impactos passavam quase que despercebidos em um contexto maior. Esta nova forma de organização em torno das cidades exigiu novas instituições, no qual, o papel do templo e de seus sacerdotes era de suma importância na administração dos recursos disponíveis a esta sociedade.

Desde o início o templo representava um papel principal na organização da sociedade da mesopotâmia. Nas colonizações primitivas, parece que o templo possuía toda a terra e que seus sacerdotes e administradores eram responsáveis pela colheita, a estocagem e subsequente a distribuição dos alimentos, frequentemente feita em rações uniformes. (PONTING. 1995, Pag. 107).

A maioria das Cidades Mesopotâmicas, assim como outras cidades, construídas distantes desta região, no espaço e tempo, como as cidades da Civilização Maia na América Central, já na era Cristã, possuíam características de serem locais para cerimoniais, destacando um papel importante da religião na vida social destas sociedades.

Muitas destas sociedades, desde os tempos de coletores e caçadores, dedicavam grande parte do seu tempo para rituais, culto aos ancestrais, à natureza e a seus deuses, também disponibilizavam uma boa parcela do seu tempo para o lazer. Este estilo de vida propiciava baixos impactos ao meio, já que as atividades que levavam a modificação deste, o trabalho, ocupava uma pequena parcela do tempo dos indivíduos.

Analisando comunidades contemporâneas, os antropólogos constataram que o trabalho na extração de recursos da natureza ocupa apenas 3 horas da vida destes grupos e como supracitado acima o restante é dedicado a outras atividades, “no Brasil do século dezesseis, os portugueses descobriram que as tribos

⁷ Uma das principais cidades da Antiguidade Oriental, situada na Suméria, atual Iraque.

indígenas, se não fossem escravizadas, trabalhariam somente até ganhar o suficiente para comprar ferramentas de metal e depois queriam usufruir do seu lazer”. (Ponting, 1995 Pag. 51).

As comunidades arcaicas viviam em harmonia com seu meio, não causando grandes impactos a natureza, sua religião ou crença tinha um papel fundamental na regulação do corpo social, normatizando suas atividades cotidianas, auxiliando na interpretação dos fenômenos naturais, construindo uma cosmogonia singular.

2. A GENESE DA CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL E A RELAÇÃO SOCIEDADE NATUREZA (GRÉCIA E ROMA).

A agricultura surge como um divisor de águas na história da humanidade. É através desta que os pequenos grupos humanos crescem demograficamente, constroem suas primeiras cidades, criam novas formas de organizações e instituições socioeconômicas, desenvolvem novas tecnologias.

Tal processo deu origem às diversas civilizações conhecidas, como Mesopotâmicos, Chineses, Indianos entre muitos outros povos Gregos e Romanos, estes dois últimos chamados também de Civilizações Clássicas. “Nossa sociedade Moderna liga-se de muitas maneiras, às Civilizações Clássicas”, (FUNARI, 2009 Pag. 11), foram estas que cederam as bases da política, do direito, do pensamento filosófico, das artes e de muitos outros elementos presentes em nossa cultura atualmente.

A origem dos gregos como povo remonta ao neolítico aproximadamente 4500 anos a.C. “fundados por populações originárias ou influenciadas pelo oriente próximo asiático”. (FUNARI, 2009 Pag. 13). “A formação da Civilização Grega foi uma amalgama de culturas”, (FUNARI, 2009 Pag. 25), vindo a se consolidar entre os anos 2000 e 1950 a.C., na Península Balcânica, o qual foi o seu centro original. Entre os “séculos VIII ao VI os gregos passam de uma sociedade camponesa e guerreira, para uma civilização centrada nas cidades”. (FUNARI, 2009 Pag. 25). É nesta sociedade que a ciência grega ganha seu espaço, mudando o olhar do homem sobre o mundo, que era até então explicado pela religião.

“A religião grega era um importante fator de unidade com relação as cidades com instituições e costumes tão diversos”. (FUNARI, 2009 Pag. 57). Foi ela que fundamentou toda visão de mundo conhecida até então, explicando a formação do universo através da mitologia⁸, criando os mitos fundadores e uma identidade comum, em um povo que se encontrava fragmentado por uma geografia insular e montanhosa. “Na religião grega os deuses eram bastante próximos ao homem e á terra, estava na vida cotidiana,..., Para os gregos, os deuses interferiam, de forma direta na vida dos homens, humilde mortais, comandando a natureza” (FUNARI, 2009 Pag. 57).

Segundo Funari os deuses gregos nada tinham nada haver com o Deus da tradição judaico cristã. Eles representam os sentimentos humanos como, por exemplo, Afrodite deusa do amor e Atenas deusa da razão, também representavam os elementos da natureza no qual Zeus era o deus dos Céus, Poseidon dos mares, Gaia mãe de ambos os deuses representava a própria Terra, e Dionísio além de ser o deus do vinho, exercia força sobre a vegetação. “Os gregos atribuíam a ação dos deuses a muitos dos fenômenos da natureza que não conseguiam explicar por outros meios, como a ocorrência de tempestades ou doenças”. (FUNARI, 2009 Pag. 59).

Os mitos eram vistos pelos gregos como representação da própria realidade. Através da oralidade os “contos” eram passados entre as gerações, constituindo a história deste povo. Seus antepassados eram venerados, pelos feitos que fizeram no passado. “Muitas das histórias de heróis e suas aventuras, mesmo que sejam imaginárias, revelam aos historiadores, também como os gregos se relacionavam com a natureza”. (FUNARI, 2009 Pag. 59). A vontade dos deuses e os fenômenos naturais eram indissociáveis, a natureza estava repleta de seres mágicos faunos, ninfas, monstros, demônios e gênios, limitando a vontade dos homens de desbrava lá.

Com o surgimento da filosofia, da ciência grega por assim dizer, estudiosos gregos buscavam explicar o mundo através da razão, mas a nova forma de ver o mundo não representou “um rompimento radical entre o pensamento mitológico e o pensamento racional”. (FUNARI, 2009 Pag. 62). O próprio filósofo Tales ao formular uma teoria da formação do mundo, tinha nesta uma grande ênfase religiosa, por influencia de povos mesopotâmicos e egípcios, no qual o mundo

⁸ É o estudo dos mitos da Grécia Antiga

teria seu início em água. A ciência grega buscava estabelecer “leis que explicassem o funcionamento do universo”. (FUNARI, 2009 Pag. 63).

A filosofia grega foi um dos grandes marcos na história da humanidade, sendo uma das mais importantes contribuições para cultura ocidental. “Esse modo de pensar marcou uma mudança importante, ao concentrar a atenção na capacidade de pensamento e explicação dos homens, sem depender de forma direta dos deuses” (FUNARI, 2009 Pag. 63).

A filosofia grega transpunha de forma laica e abstrata, o mesmo sistema de representação do mundo que a mitologia havia transmitido,..., O que há de novo na filosofia consiste justamente na humanização, na passagem dos relatos recebidos da mitologia, para sua explicação pelos homens. (FUNARI, 2009 Pag. 65).

Pode se dizer que a Filosofia grega era um tanto vaga, pouco se diferenciava do discurso mitológico, pois se baseava em observações empíricas não havendo muitas provas concretas, apresentando “duas características essenciais: um pensamento que prescindia do divino e que é abstrato”. (FUNARI, 2009 Pag. 66). A vida cidadã estimula o homem racional e uma nova visão do homem sobre o mundo e a natureza.

Aristóteles fez a seguinte observação sobre a função das demais criaturas: “A natureza não se fez nada em vão e tudo teve seu propósito. As plantas foram criadas para o bem dos animais e esses para o bem do homem”. (THOMAS 2010 Pag. 21). A filosofia grega buscava o rompimento com o divino, por sua vez um rompimento com o mundo natural. Filósofos como Sócrates, “Platão e Aristóteles forneceram os fundamentos para todas as formas de pensamentos posteriores, na própria Antiguidade, mas também na Idade Média até chegar aos tempos Modernos”. (FUNARI, 2009 Pag. 69).

Por volta do ano 494 a.C. a Grécia é dominada pelos Romanos, mas o processo de dominação pode se dizer que no âmbito cultural e até mesmo social ocorreu inverso, pois os romanos acabaram absorvendo vários aspectos da cultura grega.

Atualmente Roma é somente uma cidade, como observara Funari, mas no passado esta foi símbolo de poder e riqueza, constituindo o maior Império já

conhecido pela humanidade, se estendendo por toda costa do Mediterrâneo, e de leste a oeste se estendia da Ásia Menor a até a Bretanha.

Foi uma Civilização milenar, e a que mais influenciou na construção social e cultural do ocidente. O latim deu origem as mais diferentes línguas modernas, como português, francês, espanhol e italiano, o legado, Greco-romano é enorme, “chegando até nós graças a copia manual feita pelos religiosos da Idade Média”. (FUNARI 2009 Pag. 78).

A releição romana era semelhante à grega, politeísta onde na maioria das vezes a única diferença era o nome dos deuses, Zeus (Júpiter), Ares (Marte), Poseidon (Netuno), mas estes possuíam as mesmas atribuições que tinham na religião grega. O que se tem de diferente entre a sociedade romana e a grega, no que diz respeito ao divino é uma relação mais estreita com o sobrenatural e por sua vez com a natureza.

“as árvores perdidas nos campos, os ramos que a charrua⁹ evita cuidadosamente, os terrenos invadidos pelas ervas, velhas pedras semienterradas, transportada por mãos há muito tempo desaparecidas, constituía tantos outros santuários naturais, reservas visíveis do divino que sobrevivem a um tempo em que a natureza era detentora de Faunos e Ninfas”. (GRIMAL, 2001 Pag. 69).

Um mundo mágico onde “o homem insere-se na natureza, sede do divino por excelência” para eles “o sentimento que se pode ter dos deuses é mais imediato e mais perfeito entre as plantas, à beira das nascentes e dos ribeiros, num bosque sagrado,..., o romano religioso sempre repugnara a ideia de buscar o divino fora da vida cotidiana”. (GRIMAL, 2001 Pag. 278). O romano sempre primara a vida do campo, sendo este “o verdadeiro ambiente do homem, tanto moral como religioso, sentiram-se exilados nas cidades”. (GRIMAL, 2001 Pag. 278).

Para os romanos havia nestes locais sagrados um ligamento direto entre o sobrenatural e o homem, esta característica ainda podem ser encontradas em muitas comunidades e religiões modernas. O espaço sagrado se estende para a natureza.

⁹ Um arado rudimentar.

Em Curitiba aconteceu uma reunião na qual seguidores do Candomblé se encontraram para discutir problemas específicos de sua comunidade. Em certo momento, um homem se levantou e disse que em sua cidade eles estavam trabalhando em um projeto de recuperação da natureza, principalmente na despoluição dos rios. Afirmava que se a natureza estiver morta, os orixás também estarão e com isso a religião afro-brasileira também. (Governo do Paraná, 2008 Pag. 33).

Com o surgimento da figura de Cristo e posteriormente com a sua morte o Cristianismo, esta religião cria corpos e no ano 70, já da era Cristã, esta nova crença deixava de ser uma pequena seita tornando-se uma religião de perseguidos, mas com muito seguidores. No ano 313 d. C. o imperador Constantino libera a liberdade de culto e posteriormente o mesmo se converte a esta religião, “enfim, o cristianismo passou de religião do imperador a Religião Oficial, primeiro convivendo com o culto aos antigos deuses e depois proibindo de vez o paganismo¹⁰”. (FUNARI, 2009 Pag. 134).

Segundo Grimal assim como na Grécia a vida urbana criou um vazio na alma dos romanos citadinos aonde este “vazio da religião romana teria preparado a vinda do cristianismo” (GRIMAL, 2001 Pag. 69), pois foram estes os primeiros a se converterem, pois “nos lugares mais distantes, no campo, o cristianismo demorou a firmar-se”, daí que os que cultuavam os deuses tinham sido chamados de “pagão”, os habitantes das aldeias”. (FUNARI, 2009 Pag. 134).

“A essência do mundo antigo que se alterou, de forma radical, com o cristianismo de Estado. Deus passou a ser único e não havia mais espaço para a diversidade de cultos, crenças e costumes” (FUNARI, 2009 Pag. 134). A Igreja Católica¹¹ não toleraria qualquer competição e durante todo Período Medieval buscaria acabar com o panteísmo existente no mundo natural.

¹⁰ Significa culto as deuses antigos.

¹¹ Quer dizer Universal, mostrando assim a essência da religião.

3. O CRISTIANISMO E A RELAÇÃO SOCIEDADE E NATUREZA NO OCIDENTE. (FEUDALISMO E MODERNIDADE).

Viu-se até aqui, de certa forma genérica, já que não podemos aplicar tal análise há todas as Sociedades Humanas, uma breve história da humanidade, ou melhor, dizendo um pedaço da história da Civilização Ocidental no que diz respeito à religião e à relação sociedade natureza.

Pode-se observar que muitas sociedades buscaram manter, por uma questão da própria sobrevivência do grupo, uma relação estreita e harmoniosa com o mundo que os cercava, causando quase que nenhum dano ao mundo natural. Isso porém não se procede a todas as sociedades. A Sociedade ocidental em um determinado momento da história quebrou a sua aliança com a natureza, isso se deu segundo os historiadores aqui analisados durante a Idade Média.

Segundo o historiador francês Jaques Le Goff, apoiado pelas teorias do seu antecessor, nos Annales, o historiador e geógrafo Fernand Braudel, a Idade Média pode ser estudada na perspectiva da longa duração, um tempo quase imóvel, onde estruturas sociais se mantêm quase que imutáveis por séculos.

“essa longa Idade Média que durou desde o século II ou III da nossa era até morrer lentamente sob os golpes da revolução industrial – das revoluções industriais – entre o século XIX e os nossos dias. Esta longa Idade Média é a história da Sociedade pré-industrial... É o momento de criação da sociedade moderna, de uma civilização moribunda ou morta sob as formas camponesas tradicionais, no entanto viva pelo que criou de essencial nas nossas estruturas sociais e mentais”. (LE GOFF, 1979. Pg. 12).

A cronologia habitual para delimitar a Idade Média é prolongada propositalmente pois segundo Le Goff, por mais que tenha havido mudanças significativas do ponto de vista econômico no período denominado Idade Moderna (1453-1789), a mentalidade medieval, se mantém na cultura ocidental até o século XIX, fazendo com que resquícios desta cultura estejam presentes até os dias atuais.

Boa parte da população Europeia, deste período, cultuava várias divindades, com ligação intrínseca à natureza. Levando em conta que boa parte desta população era camponesa, distante do total domínio da igreja, revestiam-se de superstições, que justificavam os fenômenos naturais de forma fantasiosa, surreal. Segundo Le Goff “em princípios do século IV o cristianismo estava sobre tudo difundido nas classes urbanas médias e inferiores, enquanto quase não atingia as massas camponesas e aristocracia”. (LE GOFF, 1979. Pg. 209).

Olhando por essa perspectiva, pode-se dizer que, o medieval “é o período que melhor nos permite compreender as nossas raízes”. (LE GOFF, 1979. Pg.13). Nós atentemos aqui para a construção da relação entre o homem e a natureza, em uma sociedade, na sua maioria rural, cheia de crenças e signos, vindas do legado folclore, dos povos celtas e germânicos, onde a natureza estava repleta de cosmogonia, que a Igreja Católica Romana estava determinada em transformar impondo o seu Deus único.

Esta cultura folclórica, vista pela Igreja como um “fosso de ignorância”, povoada por deuses pagãos e até mesmo pelo próprio Satã, não é aceita pela Santa Sé, que trata de criar a figura de um novo Deus antropomórfico, que chega “em meio a uma grande atividade de demolição, que também atingiu os objetos naturais aos quais se rendia culto quase divino – essencialmente as árvores sagradas”. (LE GOFF, 2010 pg. 23).

Tão logo, a teologia da época tratou de construir uma nova visão de mundo para justificar o cristianismo e converter os ditos povos pagãos. Gradativamente a sociedade rural medieval deixava para trás a idolatria do mundo natural para conquistá-lo.

Nos primeiros séculos do cristianismo, o Deus cristão tinha repostado a natureza em seu lugar. Ela era sua criação e sua criatura, e era dessacralizada. Não estava mais povoada de deuses, não era mais em si mesma todo-poderosa. (LE GOFF, 2010 pg. 102).

“A ciência de Deus, a teologia, torna-se com toda a propriedade, uma ciência reconhecida no quadro formador da escolástica. E, como uma consequência, a ciência de Deus se vale da razão”. (LE GOFF, 2010 pg. 92). A teologia medieval, apoiada no pensamento racional da filosofia grega buscava explicações mais racionais

para os fenômenos naturais, limitando assim o panteísmo existente no imaginário coletivo. Agora Deus não estava mais presente em todas as coisas. A destruição da natureza não foi exclusivamente fruto do cristianismo, como defendia o historiador norte americano Lynn White Junior, mas esta contribuiu e muito para a construção da cultura da sociedade ocidental.

Segundo os clérigos medievais, “o mundo fora criado para o bem do homem e outras espécies deviam se subordinar aos seus desejos e necessidades”. (Thomas, 2010. Pg. 21). É sabido que nem todos pensavam assim, tomemos como exemplo, São Francisco de Assis, com sua doutrina maquineísta, no qual este “procurou depor o ser humano da sua posição monárquica sobre a criação, instalando uma democracia entre todas as criaturas de Deus”. (WHITE JR, pg. 1206 apud PONTE). Mas tal doutrina até um primeiro não teve grande aceitação.

Lancelot Andrewes seguia Santo Agostinho e Tomás de Aquino ao descartar, desdenhosamente, a doutrina maniqueísta de que o homem não tinha direito de matar outras criaturas. O sexto mandamento, contra o assassinato, não valia para os não humanos, explicava ele. (THOMAS, 2010. Pg. 28).

“As criaturas não foram feitas para si mesmas, mas para o uso e serviço do homem, disse um bispo do tempo de Jaime I.” (THOMAS, 2010 Pg. 23). Embasados no livro do Genesis (I, 28), a sociedade ocidental erguia as bases de uma cultura que era vista por estes como civilizada.

Para o homem medieval a “civilização humana era uma expressão virtualmente sinônima de conquista da natureza”, (THOMAS, 2010. Pg. 33) e assim o fez. No final da Baixa Idade Média, a sociedade europeia manipulava o mundo natural, de tal forma, que transformaria o mundo conhecido até então. As matas foram devastadas, animais selvagens aniquilados, a geografia alterada, tudo em função da agricultura das cidades, da civilidade.

Keith Thomas, ao analisar a Inglaterra, do período moderno, descreve a posição da Igreja, frente ao mundo natural, da seguinte forma:

A tradição religiosa dominante não mantinha nenhum vínculo com aquela “veneração” da natureza,..., a Igreja cristã na Inglaterra colocou-se contra o culto das nascentes e dos rios. As divindades

pagãs do bosque, da corrente e da montanha foram expulsas, deixando assim desencantado o mundo e pronto para ser formado, moldado e dominado. (THOMAS, 2010. Pg. 29).

De fato, não se pode atribuir toda a culpa ao cristianismo pela degradação ambiental ocasionada pelo homem, mas também é fato que, “a teologia da época assim fornecia os alicerces morais para esse predomínio do homem sobre a natureza”, (THOMAS, 2010. Pg. 29). O caminho estava aberto, o homem explorava seu meio sem culpa e medo de ter uma punição divina, progressos tecnológicos e científicos foram alcançados e agora a ciência teria o papel de “devolver ao homem o domínio sobre a criação que ele perdera com o pecado original”. (BACON apud THOMAS, 2010. Pg. 35).

No século XVIII, havia pessoas que questionavam o processo civilizatório da sociedade ocidental, e o seu predomínio sobre a natureza. Pode se dizer que, criou-se uma sensibilidade em relação aos animais e até mesmo as árvores. A sociedade da era industrial começa a questionar a moralidade sobre a qual estava fundamentado o direito de predomínio do homem sobre a natureza.

Ao longo da história, interesses econômicos permearam a nossa sociedade, não sendo diferente na Era Industrial. Depois de séculos de desmatamentos, para abertura de novos campos aráveis, reduziram a cobertura vegetal da Europa e por sua, reduzindo assim a quantidade de madeira disponível para a indústria. “A siderurgia, embora começasse causando intenso desmatamento provocou ao final o efeito o posto, ao estimular o cultivo regular de árvores para o corte, com o fim de produzir carvão”. (THOMAS, 2010. Pg. 307).

Cada vez mais surgiam pessoas de acordo que, “embora o mundo da natureza devesse ser domesticado, não devia ser completamente dominado e suprimido.” (THOMAS 2010. Pg. 359). O próprio Rousseau afirmava que a civilização havia corrompido o homem natural, e muitos teólogos deste período, pregavam que o homem deveria ir à busca da Idade de Ouro, o momento anterior ao pecado original, onde este vivia em harmonia com a natureza.

A sociedade urbana e industrial lamentava pela natureza que não possuía mais, uma nostalgia lhes corroia a alma, no qual, estes buscavam no

campo um sinônimo para natureza. “Até a religião desempenhou sua parte na formação deste novo gosto pela vida rural,” (THOMAS, 2010. Pg. 353), os campos e as florestas aproximavam o homem de Deus. “No século XVIII, a visão da Mata como um local de privacidade e meditação foi reforçada pela nova concepção da natureza com forma religiosa positiva.” (Thomas, 2010. Pg. 279).

As cidades eram vistas como criação dos homens, enquanto a vida rural por estar mais próxima da criação original de Deus, era vista como um reduto, “contra o mundo corrupto” dos homens. William Penn, fundador do estado da Pensilvânia preferia a vida rural, dizia ele, “pois aí vemos obras divina”. (PENN, apud, THOMAS, 2010. Pg. 353).

Segundo Keith Thomas, algumas pessoas já nesta época, questionavam até mesmo, que o homem tinha o direito de tirar a vida de um animal, buscavam explicações até mesmo na bíblia, para condenar tais práticas. O fato é que “em fins do século XVIII, um número crescentes de pessoas chegou a considerar o predomínio do homem sobre a natureza como um dado cada vez mais oposto as suas sensibilidades morais e estéticas.” (THOMAS, 2010. Pg. 425).

Ao final da chamada Modernidade os interesses dos homens, suas ideologias anseios, medos perturbavam seu estado de espírito, mas não lhe impediam de exercer o domínio sobre a natureza em função do progresso. A ciência moderna rompe radicalmente com a releição, atingindo status à séculos esperado, o capitalismo entra em cena aproveitando-se da moral cristã protestante que diferente do catolicismo não pregava que a riqueza material do homem era pecado, conquista seu espaço, colocando fim a sistema feudal. Mas ambas as vertentes cristãs possibilitaram a expansão e domínio do capital sobre o homem e sobre o mundo natural.

O Sistema Capitalista, junto com a tecnociência¹² tornara-se a releição da nova era:

Como notaria Karl Marx, não foi sua religião¹³, mas o surgimento da propriedade privada e da economia monetária, o que conduziu o cristão a explorar o mundo natural de uma forma que os judeus nunca fizeram; foi aquilo que ele chamou “a grande influência civilizatória do capital” que, finalmente pôs fim à “deificação da natureza”. (THOMAS, Pg.30).

¹² É a interdependência que a entre a ciência e tecnologia.

¹³ O cristianismo.

A história humana entra em uma nova era onde o Imperialismo europeu busca subjugar o restante do mundo. “Através do colonialismo e da emancipação das colônias de povoamento, a ocidentalização marca a nova fase da Era planetária”. (MORIN, 1995 Pag. 25). Não só a cultura europeia é disseminada pelo mundo, mas também seus conflitos internos e suas ambições colocando em a humanidade. Tomemos como exemplo as duas guerras mundiais, que levaram a morte milhões de homens, que nos faz refletir e pensar a humanidade e para onde que estamos caminhando.

4. A Pós-Modernidade.

A Pós-modernismo é o nome aplicado às mudanças ocorridas nas ciências, nas artes e nas sociedades avançadas desde 1950, quando, por convenção, se encerra o modernismo (1900-1950). “É um novo estágio do desenvolvimento capitalista, datava sua chegada geral em 1945, enquanto o próprio Jameson¹⁴ situou emergência do pós-moderno no início dos anos 70”. (ANDERSON, 1999 Pag. 94).

A crise ambiental enfrentada pela sociedade pós-moderna não é fácil de ser compreendido. Teóricos como Lynn White Jr. responsabilizaram o cristianismo, principalmente a Igreja Católica Medieval, pela degradação ambiental. Foi duramente muito tempo criticado principalmente por estudiosos que atribuíam a culpa de tal degradação ao Sistema Capitalista. O fato é que a crise ecológica que vivemos na Pós-Modernidade é uma sucessão de processos históricos que começou lá na Antiguidade cominando nos dias atuais.

Durante a Guerra fria, uma possível guerra nuclear fez com que o homem viesse a refletir sobre os riscos de autodestruição, para o qual nossa espécie estava caminhando com o uso tal tecnologia. Dela para cá nossa sociedade passou por sucessivas crises, que fortaleceram nossas reflexões sobre o mundo como um todo dentro de um modelo sistêmico.

As últimas duas décadas de nosso século vêm registrando um estado de profunda crise mundial. É uma crise complexa, multidimensional, cujas facetas afetam todos os aspectos de nossa vida a saúde e o modo de vida, a qualidade do meio ambiente e as

¹⁴ Crítico literário e político marxista.

relações sociais, da economia tecnologia e política. É uma crise de dimensões intelectuais, morais e espirituais; uma crise de escala e premências sem precedentes em toda história da humanidade. Pela primeira vez, temos que nos defrontar com a real ameaça de extinção da raça humana e de toda vida no planeta. (CAPRA, 1985 Pag. 25).

Vivemos um período de rupturas, como observado também por Edgar Morin. Vivenciamos a falência das instituições, conflitos armados entre povos e nações, crescimento desenfreado da população mundial, miséria, fome e crises sucessivas do sistema econômico, sistema esse, que busca a qualquer preço o acúmulo de capital, colocando o próprio homem em segundo plano.

Percebe-se na atualidade as consequências drásticas, que a interferência humana causara no mundo natural, no seu meio ambiente como um todo, extinção de animais e plantas, alteração de ecossistemas e do clima são alguns dos pontos que podemos salientar. Estamos emersos em diversas catástrofes naturais, devido à ocupação irregular de diversas regiões do globo. O homem com sua ciência buscara dominar a natureza achando-se capazes de prever e de controlar os fenômenos naturais, tal postura causaram perdas inestimáveis de vidas humanas mostrando-nos que com a natureza pouco podemos.

A natureza é tão complexa, que não basta entendermos o seu funcionamento temos que mudar nossas posturas em face a ela, ou poderemos levar o nosso planeta a um ponto de degradação irreversível, no qual ele não poderá mais sustentar uma vida saudável, pelo menos a nosso espécie e outras diversas. Podemos sentir na pela algumas mudanças climáticas que estão sendo aceleradas pela ação humana.

“A super-população e a tecnologia industrial têm contribuído de várias maneiras para uma rápida degradação do meio ambiente natural”. (CAPRA, 1982 Pag.14). Na tentativa de ocasionar uma mudança, de levantar um novo paradigma, como menciona o próprio Capra, a Sociedade Pós-Moderna tem buscado discutir o tema, um exemplo disso é o ultimo evento Rio mais 20, realizado no Brasil neste ano.

Está conferência reuniram diversos lideres e estudiosos para discutir sobre o temas ambientais e sociais do mundo. A própria Santa Sé enviou uma carta intitulada, Por uma Aliança entre o Homem e o Ambiente, no qual o santo padre fala da importância do desenvolvimento sustentável para a

erradicação da pobreza. Tendo ser humano, o social como pontos centrais, a Santa Sé se posiciona a favor do desenvolvimento sustentável para que se atinja as mudanças necessárias para melhora dos problemas ambientais. Na declaração da ONU EM 1969, também se busca a “preservação como o uso racional do meio ambiente a fim de alcançar a mais qualidade de vida para a humanidade.” (THOMAS, 2010. Pg. 427).

Pode se dizer que na atual conjuntura global, como visto em Capra, vivemos uma crise sistêmica, “a concepção do universo como uma rede interligada de relações (...)”; e “rede cósmica é intrinsecamente dinâmica”. (CAPRA, 1982 Pag. 82). Sendo assim, sociedade e meio ambiente estão nesta dinâmica e ao entendermos tal funcionamento conseguiremos encontrar um solução para este problema.

“Como teria progredido a civilização sem a limpeza das florestas, o cultivo do solo e a conversão da paisagem agreste em terra colonizada pelo homem?” (THOMAS, 2010. Pg. 17). “Nossa obsessão pelo crescimento econômico e pelo sistema de valores que lhe é subjacente criou um meio ambiente físico e mental na qual a vida se tornou extremamente insalubre” (CAPRA, 1982 Pag.240). Tal vez seja esse o principal agravante da crise ambiental no qual estamos inseridos, mas não é o único, temos que criar novas formas de pensar de viver, buscando novamente a harmonia entre os homens e a natureza, conciliando progresso, desenvolvimento humano e preservação ambiental.

Como bem observado por Funari devemos desmistificar verdades absolutas levantadas pela ciência, pois estas só nos trazem duvidas, devemos buscar sempre novos caminhos, “a história nunca acaba, as civilizações vão se modificando sempre aos poucos, até ficarem tão diferentes”. (FUNARI, 2009 Pag.129). A partir da década de 70 os novos conceitos da física “provocarão uma profunda mudança em nossa visão de mundo, passou-se da concepção mecanicista de Descarte e Newton para uma visão holística”, (CAPRA, 1985 Pag. 9), uma visão do todo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Pode se observar neste trabalho que o cristianismo, embora não seja o único, foi um fator de grande importância para construção da relação Sociedade Natureza, dão os alicerces morais para que surgisse um novo

Sistema econômico, uma nova sociedade, através do domínio do mundo natural. O cristianismo, como bem notaria White jr. foi e é a mais antropocêntrica das religiões, e tal antropocentrismo, fez com que o homem se achasse no direito de exercer um predomínio sobre a natureza.

É o que White Jr. chama de interpretação hermenêutica antropocêntrica exacerbada da bíblia. “Se procuramos as causas finais, o homem pode ser visto como centro do mundo ponderava Francis Bacon, de tal forma que se o homem fosse retirado do mundo todo o resto pareceria extraviado, sem objetivo ou propósito.” (THOMAS, 2010. Pg. 23).

Frente a crise ambiental e os paradigmas da sociedade global, em uma conciliação entre desenvolvimento socioeconômico e preservação ambiental, a única coisa que nos motiva para tal muitas vezes é o próprio extinto de preservação da espécie humana. Em pleno século XXI o homem ainda se vê acima de tudo, acima da natureza e dos animais, no qual estes estão a seu dispor. A natureza nada mais é do que uma propriedade é de direito exclusivo do homem o seu uso.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Perry. *As Origens da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro. Editora Jorge Zahar editor, 1999.

BLOCH, Marc. *Apologia a História, ou Ofício de Historiador*. Rio de Janeiro. Editora Zahar, 2001.

Bourdieu, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. 6º ed. São Paulo. Editora Perspectiva. 2007.

BRAUDEL, Fernand, **O Espaço e a História no Mediterrâneo**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1988.

CAMARGO, L. H. Ramos de, **A Ruptura do Meio Ambiente**. Conhecimentos e Mudanças Ambientais do Planeta Através de uma nova percepção da Ciência: A Geografia da Complexidade. Rio de Janeiro. Editora Bertrand Brasil. 2005.

CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação: A Ciência, a Sociedade e a Cultura Emergente**. 25 ed. São Paulo. Editora Cultrix. 1982.

DREW, Devid. **Processos Interativos Homem-Meio Ambiente**. 7º edição. Rio de Janeiro. Ed. Bertrand Brasil. 2010.

LE GOFF, Jaques. **O Deus da Idade Média**. 2º ed. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 2010.

LE GOFF, Jaques. **Para um novo Conceito de Idade Media. Tempo, Trabalho e Cultura no Ocidente**. 5º Edição. Lisboa. Ed. Editorial Estampa Ltda. 1993.

MENDONÇA, Francisco. **Geografia e Meio Ambiente**. 4º Ed. São Paulo: editora Contexto, 2001.

MORIN, Edgar. **Terra-Pátria**. Porto Alegre. Editora Sulina, 2003.

PONTE, Moisés N. Quintela. **A Doutrina Judaico-Cristã da Criação face à Hodierna Crise Ecológica: Aproximação Histórico-Teológico a partir da Crítica de Lynn White Jr**. Pensar-Revista Eletrônica da FAJE v.3 n.1 (2012) 49. PDF.

PONTING, Clive. **Uma História Verde do Mundo**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1995.

SALGADO-LABOURIAU, Maria Léa. **História Ecológica da Terra**. 4ªEd. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 1994.

SANTA SÉ. Por uma Aliança entre o Homem e o Ambiente. [acessado em 2012 julho 20 às 15h]Disponível em:(<http://www.arqnit.org.br/arqnit/noticias/santa-se-envia-posicao-sobre-a-rio20>).

THOMAS, Keith. **O Homem e o Mundo Natural**. 3° Ed. São Paulo:
SCHWARCZ LTDA, 1996.